

O RECONHECIMENTO DO SUBSTANTIVO

Gloria Honorina Gomes Maciel

Leandro Zanetti Lara¹

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o reconhecimento, por parte dos alunos, da classe de palavras *substantivo*. Objetivando contribuir para o ensino de língua portuguesa, analisaremos como se dá a identificação da referida classe, sempre observada no âmbito do texto, considerando os critérios de ordem morfológica, sintática e semântica em que baseiam as definições de substantivo. A citada análise dar-se-á mediante instrumento de pesquisa consistente em testes de reconhecimento de classes de palavra aplicados em alunos de 5ª série (6º ano). Visa-se aqui a fornecer subsídios aos educadores, no sentido de buscar-se soluções para atenuar alguns problemas enfrentados no processo de ensino-aprendizado, desenvolvendo atividades pedagógicas para tal fim.

Palavras-chave: Classe gramatical. Substantivo. Identificação de classes. Atividades pedagógicas.

¹ Professor da 5ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Introdução

Sabemos que o aluno, geralmente, começa a ingressar no mundo do substantivo na 3ª série (4º ano) do ensino fundamental. Então, podemos afirmar que o substantivo faz parte de sua vida durante seis anos antes de chegar ao ensino médio. E, se ano após ano, é ensinada, na escola, essa classe de palavras, entre outros temas morfosintáticos, cabe perguntar por que, em muitos casos, há resultados tão desestimulantes por parte dos alunos já com uma educação, em princípio, avançada em língua portuguesa?

Partindo desta pergunta, optamos por investigar que tipo de critérios os alunos utilizam quando das tarefas que solicitam algum tipo de identificação de classes de palavras, mais especificamente no que tange ao substantivo.

O nosso propósito com este trabalho de pesquisa é verificar se o problema da construção do conhecimento acerca de classes de palavras está radicado na forma como o professor ministra esse conteúdo ou na forma como é definida a própria classe de palavra que aqui se estuda nos livros didáticos. Por essa razão, esta pesquisa será desenvolvida com uma turma de 5ª série (6º ano) do ensino fundamental, por ser a série que inicia os anos finais dessa etapa escolar e porque o substantivo faz parte dos conteúdos mínimos a serem desenvolvidos nessa série.

1 Metodologia

Utilizamos testagens que foram aplicadas nos alunos da 5ª série (6º ano) do ensino fundamental, de uma escola municipal do município de Alvorada. Não citaremos aqui o nome da escola a fim de preservar a identidade desta instituição escolar. Os testes foram desenvolvidos, visando verificar se, ao utilizar, além das definições mais tradicionais, os aspectos definitórios de ordem semântica, morfológica e sintática, os alunos demonstraram um melhor desempenho no reconhecimento da classe gramatical de palavras *substantivo*.

Após reunirmos os resultados dos testes, procedemos a uma análise que se pautou por verificar que tipo de definição servia de forma mais eficaz para o

reconhecimento da classe de palavras *substantivo*, sempre tomando por base as definições tradicionais, por serem estas as mais frequentes nos livros didáticos.

Uma segunda análise da pesquisa objetivou verificar como é definida a classe de palavras *substantivo* no livro didático de Língua Portuguesa utilizado nas aulas da escola escolhida para as testagens. Observamos Souza e Cavéquia (2009) no tocante às definições oferecidas, bem como aos exercícios àquelas relacionados.

A última parte do artigo visa sintetizar os dados da pesquisa, apresentando na sequência as conclusões.

Quanto aos pressupostos teóricos, tomamos como base para a análise as contribuições dos seguintes gramáticos: Almeida (2005), Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009).

2 A definição de Substantivo

Ao abordarmos o aprendizado e ensino das classes de palavras, não podemos deixar de levar em conta a contribuição dos gramáticos de Língua Portuguesa no que tange, sobretudo, às suas definições. Estas estão presentes na maior parte das atividades em sala de aula, bem como fornecem, em muitos casos, a base sobre a qual se alicerça o conteúdo dos livros didáticos que temos à disposição. Em assim sendo, tomaremos por base o ponto de alguns gramáticos no que toca às definições de substantivo, visando a mapear como são tratados estes conceitos no âmbito dos manuais de gramática de língua portuguesa. Em particular, estaremos observando as conceituações de Almeida (2005), Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009).

O gramático Almeida (2005) expõe a seguinte definição de substantivo:

SUBSTANTIVO: Existem palavras que sempre designam *coisa, ser, substância*. Toda palavra que encerra essa idéia denomina-se **substantivo**. *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada (homem, cachorro, laranjeira)* ou *inanimada (casa, lápis, pedra)*, quer *real (sol, automóvel)*, quer *imaginária (Júpiter, sereia)*, quer *concreta (casa)*, quer *abstrata (pureza)*. (ALMEIDA, 2005, p. 80).

De acordo com Cunha e Cintra (2007):

SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral, por conseguinte, substantivos: a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um de seus representantes; b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades. (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 177).

Para Bechara (2009):

Substantivo é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*). (BECHARA, 2009, p. 112).

A partir das definições apresentadas pelos gramáticos em questão, é importante observarmos quais critérios estão envolvidos (semântico, morfológico e sintático). Deste modo, o quadro a seguir apresenta os critérios que cada um dos gramáticos utiliza em sua respectiva definição de *substantivo*.

Critérios para definição de substantivo			
	Morfológicos	Sintáticos	Semânticos
Almeida	Não contempla.	Não contempla.	Contempla.
Cunha e Cintra	Não contempla.	Não contempla.	Contempla.
Bechara	Contempla.	Não contempla.	Contempla.

Na definição de *substantivo* da gramática tradicional, há uma tendência a dar maior relevância ao aspecto semântico; isto é, eles informam que o substantivo designa seres.

Precisamos pontuar que os aspectos morfológico e sintático são referidos pelos gramáticos em outros lugares que não na definição. Ou seja, uma definição mais completa das classes de palavras conta, sim, nas gramáticas, porém de forma fragmentada ao longo do texto. Este estilo tradicional de apresentar a semântica e mais tarde a morfologia e a sintaxe das classes tenha tido historicamente uma motivação didática, no sentido de uma apresentação mais introdutória e superficial seguir-se em estudo mais detalhado. Porém, a prática do ensino do português muitas vezes desconsidera essa gradação e toma tão somente a definição semântica (que era para ser meramente introdutória) como base para as identificações (nos textos, exercícios, etc.).

Uma importante ressalva deve ser feita a Bechara que busca sempre integrar os estudos tradicionais e os estudos linguísticos científicos. O exemplo acima já aponta que além do critério semântico, Bechara valida-se de informações de cunho morfológico e lexical.

É interessante apontar que Almeida traz o conceito de substantivo, e não só dele, mas também das outras classes de palavras, no início do capítulo que aborda a morfologia, sendo como uma introdução bem pequena; e depois, distribui cada classe em um subcapítulo, mas não trata do conceito no subcapítulo; e sim, das particularidades de cada classe de palavras, no caso do substantivo – a sua classificação, a sua flexão quanto ao gênero, sua flexão quanto ao número e sua “flexão gradual” (derivação de grau para outros autores). Cunha e Cintra apresentam o substantivo em um capítulo próprio, mas não fazem uma introdução à morfologia, isto é, não sendo um dos subcapítulos da morfologia – entretanto, eles trazem o conceito de substantivo no capítulo destinado a esse assunto e apresentam nele as particularidades dessa classe de palavras, considerando os aspectos morfológicos e semânticos. Já Bechara, trata o substantivo como um subcapítulo da morfologia, fazendo, no primeiro momento, uma explanação dos elementos que diferenciam cada classe de palavras ou que aproximam algumas dessas classes; depois sim, ele aborda o substantivo – tratando, separadamente, dos aspectos semântico, morfológico e sintático.

Bechara informa em sua obra, *Moderna gramática portuguesa* (2009), que ao fazermos relações entre as palavras de classes diferentes poderemos estar aproximando--as, mesmo tendo uma natureza e uma funcionalidade bastante distintas, isso ocorre com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos mesclados, mas o elemento que as diferenciam são os múltiplos significados que lhes são próprios. Estes significados estão pautados no léxico, isto é, no significado lexical, que representa a visão do mundo extralinguístico; na categoria, o significado categorial, que mostra o modo de ser das palavras no discurso, não as observando como sendo classes fixas, pois ao serem usadas no discurso, passam pela escolha realizada pelo locutor (aqui, por exemplo, o substantivo pode ser expressado por meio de pronomes (isto, isso, aquilo), por sintagmas (como Rio Grande do Sul) ou por orações subordinadas substantivas) – assim, podemos dizer que as palavras são determinadas como substantivo quando integrado na oração, atualizado no discurso; quanto ao instrumento, categoria

instrumental, que é o significado dos morfemas; a estrutura, sendo representado pelo significado estrutural ou sintático, esse resulta das combinações de unidades lexicêmicas ou categorêmicas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração e, por fim, o significado ôntico, ocorrendo somente no plano da oração (corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração – afirmativo, negativo, interrogativo, imperativo, etc.).

Essas informações que Bechara nos traz são importantes, pois com base nelas é possível considerar as relações que há entre as classes de palavras, possibilitando aproximações entre elas; e, assim, podemos pensar o substantivo se relacionando com outras classes gramaticais. Os adjetivos caracterizam as possibilidades designativas do substantivo, os artigos antepõem a substantivos (com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos), os pronomes se referem a um substantivo, os numerais quantificam os substantivos (dois meninos). Assim, podemos pensar no substantivo, fazendo relações com seus determinantes, eles nos ajudam a reconhecer o substantivo, mas é preciso ter clareza que não podemos ter esses elementos como sendo absolutos no reconhecimento dessa classe gramatical, pois o contexto interfere na classificação das palavras. No entanto, os determinantes são uma “ferramenta” para auxiliar no reconhecimento do substantivo no texto.

3 Metodologia em sala de aula

Em sala de aula, dividimos a aplicação dos exercícios usados para a testagem em dois momentos. No primeiro momento, retomamos o conceito de *substantivo*, pois os alunos já haviam visto esse conteúdo, de acordo com o livro didático de Língua Portuguesa, o qual tem como autoras Souza e Cavéquia (2009). Em seguida, realizamos um exercício no qual os alunos deveriam identificar os substantivos no conto *As Fadas*, de Charles Perrault. Antes dos alunos realizarem a tarefa de identificação dos substantivos presentes no texto, realizamos a leitura e discutimos questões pertinentes ao tema abordado no conto. No segundo momento, a pesquisadora propôs uma

atividade, utilizando um pequeno texto, do qual os substantivos foram retirados, tendo sido substituídos por lacunas. Vejamos o texto proposto:

Como as *aranhas* fazem suas *teias*?

As *aranhas* têm 2,4 ou 6 *tubinhos* no *abdômen*, chamados *fiandeiras*. Para fazer as *teias*, o *líquido* que sai das *fiandeiras* endurece, adquirindo a *forma* de *fiões*, como naquela *máquina* que faz *algodão-doce*. As *teias* funcionam como *armadilhas* para os *insetos*, dos quais as *aranhas* se alimentam.

(CEREJA e MAGALHÃES, 2009, p. 87)

Após os alunos receberem o texto, foi solicitado a eles que realizassem a leitura. Então, foi-lhes perguntado se entenderam do que tratava o texto. Em seguida, as lacunas foram completadas com palavras que dessem sentido ao texto; na sequência, os alunos foram questionados a que classe de palavras os vocábulos das lacunas pertenciam de acordo com o contexto. A partir dessa atividade, houve uma discussão acerca da importância do substantivo, da função que ele exerce no texto. Depois, os alunos responderam questões como: Que palavras antecedem os vocábulos das lacunas? Podemos flexionar as palavras das lacunas quanto ao gênero, número e grau? (Aqui, realizamos testes para verificar se esta classe de palavras sofre flexão – mudamos o gênero, o grau e o número para que os alunos percebessem as variações que esta classe de palavras pode sofrer.) Podemos substituir estas palavras por ele, ela, eles, elas? O que aconteceu com o texto ao substituir as palavras das lacunas? Por quê?

Depois de realizada essa tarefa, a qual proporcionou uma discussão positiva acerca do *substantivo*, ampliamos a definição (a partir das conclusões obtidas nas reflexões realizadas com base no exercício explanado acima) que o livro didático fornecia em relação ao aspecto semântico, pois ela somente definia o *substantivo* como sendo a classe de palavras que dão nome a pessoas, objetos, animais, lugares, sentimentos, e acrescentamos os aspectos morfológicos e sintáticos, mas sem usar os termos adjunto adnominal e núcleo de um sintagma nominal, pois, nessa série, normalmente, não é trabalhada a função sintática, mas isso não significa que o professor não deve mostrar aos alunos as relações que a classe de palavras *substantivo* mantém com outras classes, como a do artigo, adjetivo, numeral e pronome. Ainda mostrou-se aos alunos que o substantivo (dentro de um sintagma nominal) é a palavra “mais

importante”, fundamental na transmissão de uma informação, que não pode ser “retirada” do texto.

Após esse trabalho, realizamos o segundo exercício, que objetivava verificar se, ao acrescentarmos os aspectos morfológico e sintático à definição de substantivo, haveria um melhor rendimento na identificação dessa classe de palavras. Para tal testagem, utilizamos como instrumento o conto *A menina dos fósforos*, de Monteiro Lobato, adaptação do texto original *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen. Antes da identificação dos substantivos, foram realizadas a leitura e discussão sobre o tema desenvolvido, a postura das personagens, a opinião dos alunos em relação aos fatos narrados no texto.

Os textos aplicados nas testagens se fazem presentes no livro didático de Língua Portuguesa de Cereja e Magalhães (2009). Este gênero textual foi escolhido pelo fato de ser familiar aos alunos, pois nas séries iniciais é trabalhado o conto com uma certa frequência em sala de aula. Objetivamos também verificar se, ao relacionar o substantivo com seus determinantes, tal estratégia auxiliaria na eficácia do reconhecimento dessa classe gramatical.

Vejamos o primeiro texto utilizado:

As Fadas

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas. A mais velha se parecia tanto com ela que, quem a via, pensava estar vendo a mãe.

- Como são desagradáveis e orgulhosas! – costumavam comentar os conhecidos. – ninguém aguenta viver perto delas.

A caçula era o verdadeiro retrato do pai, pela doçura e pelo bom caráter. E, além disso, muito bonita.

Como costumamos amar que se parece conosco, a mãe era louca pela filha mais velha e tinha uma incrível antipatia pela caçula.

A moça comia na cozinha e trabalhava sem descanso. Entre outras coisas a menina era forçada a ir a uma fonte distante, duas vezes por dia. Andava quase meia légua para trazer na volta uma grande bilha, cheia d’água.

Um dia em que estava lá, aproximou-se dela uma pobre mulher, que lhe pediu:

- Quer dar-me de beber, minha menina?

- Pois não, minha boa tia.

E a bela moça, imediatamente, lavou a bilha e depois tirou a água com todo cuidado. Em seguida ofereceu-a à mulher, segurando sempre a bilha, a fim de que ela pudesse beber mais facilmente. Tendo bebido, a mulher disse:

- Tu és tão boa, que não resisto ao desejo de te fazer um dom.

Tratava-se de uma Fada, que tinha tomado a forma de camponesa pobre, para ver até que ponto iria a bondade daquela jovem.

- Eu te faço o dom do que, a cada palavra que disseres, saia de tua boca uma flor ou uma pedra preciosa – disse ela. E afastou-se.

Assim que a bela menina chegou a sua casa, a mãe a repreendeu por voltar tarde.

- Eu vos peço perdão, por ter demorado tanto, minha mãe – disse a pobre moça. E, mal pronunciou essas palavras, saíram-lhe da boca duas rosas, duas pérolas e dois grandes diamantes.

- Que vejo? Creio que saem de tua boca pérolas e diamantes! Como acontece isso, minha filha? – perguntou a mãe, cheia de espanto. (Foi a primeira vez em que a chamou de filha).

A menina contou-lhe, ingenuamente, tudo o que lhe tinha acontecido, não sem lançar pela boca uma infinidade de diamantes.

- É preciso que eu envie logo a minha filha a esse lugar – disse a mãe.

- Vê, Francisca, vê o que sai da boca de tua irmã, quando ela fala. Não gostarias de ter o mesmo dom?

- Que me importa – respondeu a filha mais velha, com insolência.

- tu só terás que ir à fonte e, quando uma pobre mulher te pedir de beber, tu a servirás com toda a gentileza.

- tem graça – respondeu a mal-educada. – Eu, ir à fonte!

- Eu quero que tu vás e já – ordenou a mãe.

A moça foi, resmungando. Levou o mais bonito jarro de prata que havia em casa. Nem bem tinha chegado, viu sair do bosque uma dama magnificamente vestida, que veio pedir-lhe de beber. Era a mesma Fada que aparecera à sua irmã.

Desta vez havia tomado a aparência e as roupagens de uma Princesa, para ver até que ponto iriam os maus modos daquela jovem.

- Acha que vim aqui para lhe matar a sede? – respondeu a malcriada.

- Imagine se eu ia trazer um jarro de prata especialmente para dar de beber à madame! Se quer beber, beba por si mesma.

- Você não é uma pessoa direita – disse a Fada, sem encolerizar.

- Muito bem! Visto que gosta tanto de coisas desagradáveis, eu lhe dou por dom que, a cada palavra que diga, saia de sua boca uma serpente e um sapo.

A moça voltou para casa e, assim que a mãe a avistou, já gritou de longe:

- Então, minha filha?

- Então, minha mãe? – respondeu a filha, expelindo dois sapos e duas víboras.

- Oh, céus! – exclamou a mãe. – Que vejo? Tudo isso foi por causa da tua irmã. Ela me pagará.

E correu para bater na jovem.

A pobre menina fugiu e foi esconder-se na floresta vizinha.

O filho do Rei, que voltava da caça, encontrou-a ali. Vendo-a tão bela e tão sozinha, perguntou-lhe o que fazia naquele lugar e por que chorava.

- Ai de mim, senhor, foi minha mãe que me expulsou de casa.

O príncipe viu sair da boca da moça cinco ou seis pérolas e outros tantos diamantes. Pediu-lhe para dizer como chegara a ter esse talento e ela contou toda a sua aventura. Ele enamorou-se dela e considerou que um tal dom valia mais do que qualquer dote que outra noiva pudesse trazer. Levou-a ao palácio de seu pai, onde a desposou.

Quanta à irmã, ela se fez detestar a tal ponto que a própria mãe não a quis mais perto de si. A infeliz, depois de ter perambulado sem encontrar ninguém que a quisesse receber, foi morrer num canto do bosque. (CEREJA e MAGALHAES, 2009, p. 18 – 19)

O outro exercício escolhido para a coleta de dados tem como base o seguinte texto:

A menina dos fósforos

Isto foi num desses países onde a neve cai durante o tempo de inverno – e fazia um horrível frio naquela noite do ano.

Dentro do frio e dentro do escuro da noite a menina lá seguia, de pés descalços pela cidade deserta. Descalça? Sim. É verdade que saíra de casa com um par de chinelas muito grandes para seus pés, pois tinham sido de sua mãe. Ao atravessar a rua, porém, teve de correr para desviar-se duma carruagem na disparada, e perdeu as chinelas, quando voltou para procurá-las, viu que um moleque havia apanhado um pé, saindo a correr com ele na mão. “Vou fazer um berço desta chinela”, dizia ele.

O outro pé não foi possível encontrar – com certeza sumiu enterrado na neve pelas patas dos cavalos.

Por isso lá ia a menina de pés nus e já azuis do frio. Era uma vendedeira de fósforos, do tempo em que fósforos se vendiam soltos e não em caixa, no avental trazia uma porção deles e na mão um punhadinho. Mas ninguém lhe comprara ainda um só, e lá se ia ela, tiritando de frio, sem um vintém no bolso. Verdadeiro retrato da miséria, a coitadinha!

Flocos de neve recobriam seus cabelos cor de ouro, todos cacheados, sem que a menina desse por isso.

Em muitas casas a luz do interior saía pelas janelas misturadas com um saboroso cheiro de ganso assado – porque era dia de S. Silvestre, dia em que todos que podem comem um ganso assado.

Em certo ponto a menina sentou-se encolhidinha rente a uma parede e cruzou os pés debaixo da saia. Nada adiantou. Sentiu-os mais enregelados ainda. Como não tivesse vendido nenhum fósforo não se animava a voltar para a casa. Sem dinheiro no bolso estava proibida de aparecer lá.

Seu pai com certeza que a surraria – além disso o frio era lá tanto como ali. Uma casa velha, de teto esburacado e paredes rachadas por onde o vento entrava zunindo.

Suas mãozinhas começaram a perder os movimentos.

Teve uma idéia: acender um daqueles fósforos para aquecer os dedos entangidos. Assim fez. Riscou um fósforo na parede – chit! Que luz bonita e que agradável quentura! O fósforo queimava qual velinha, com a chama defendida do vento pela sua mão em concha. Que bom! A menina sentia como se estivesse sentada diante dum grande fogão, com ferro para mexer as brasas e uma caixa de lenha ao lado. Tão agradável aquele calorzinho do fósforo, que ela espichou o pé para que também aproveitasse um pouco – mas nisso a chama foi morrendo e afinal apagou-se. Só ficou em sua mão um toquinho carbonizado.

A menina riscou outro fósforo, e a luz dele a parede da casa a que estava encostada tornou-se transparente como um véu, deixando ver tudo quanto se passava lá dentro. Estava posta uma grande mesa, com toalha alvíssima e prataria de porcelana; um ganso recheado de maçãs e ameixas, que recendia um perfume delicioso. De repente o ganso ergueu-se da travessa e, ainda com a faca e o garfo de trinchar espetados no papo, veio na direção dela.

Nisto o fósforo apagou-se e tudo desapareceu. A menina riscou outro fósforo, e imediatamente se achou sentada debaixo da mais bela árvore de Natal que seus olhos tinham vistos nas casas de brinquedos. Mil velinhas ardiam na ponta dos galhos, e os enfeites dependurados pareciam olhar para ela. Mas esse fósforo foi-se apagando, e à medida que se ia apagando a árvore de Natal ia crescendo, crescendo, e as

velinhas subindo até ficarem como as estrelas no céu. Uma delas caiu, traçando um longo risco de luz.

- Alguém está morrendo, pensou a menina com a idéia em sua avó. A boa velhinha fora a única pessoa na vida que lhe dera amor, e costumava dizer que quando uma estrela cai é sinal de que alguém está morrendo e com a alma a ir para o céu.

A menina acendeu outro fósforo – desta vez o que apareceu foi sua própria vovó, brilhante como um espírito e com o mesmo olhar meigo de sempre.

- Vovó! Exclamou ela, Leve-me contigo! Eu sei que a senhora vai sumir-se quando este fósforo chegar ao fim, como aconteceu com o ganso recheado e a linda árvore de Natal...

E para que isso não acontecesse a menina tratou de acender um fósforo atrás do outro, sem esperar que a chama morresse. Era o meio de conservar a vovó perto de si.

E os fósforos foram ardendo com a luz brilhante como a do dia, e sua vovó nunca lhe apareceu tão bela, nem tão grande. Foi-se chegando, tomou a netinha nos braços e com ela voou, radiante, para onde não há neve, nem frio mortal, nem fome, nem cuidados – para o céu.

No outro dia encontraram o corpo da menina entanguido na calçada, com as faces roxas e um sorriso nos lábios. Havia morrido de fome e frio na última noite daquele dezembro.

O sol do novo ano veio brincar sobre o pequenino cadáver. Em sua mãozinha rígida estavam ainda os fósforos que não tivera tempo de ascender. Os passantes olhavam e diziam: “A coitada procurou aquecer-se com os fósforos”, mas ninguém suspeitou as lindas coisas que ela viu, nem o deslumbramento com que começou o ano novo em companhia de sua avó. (CEREJA e MAGALHAES, 2009, p. 12 – 13)

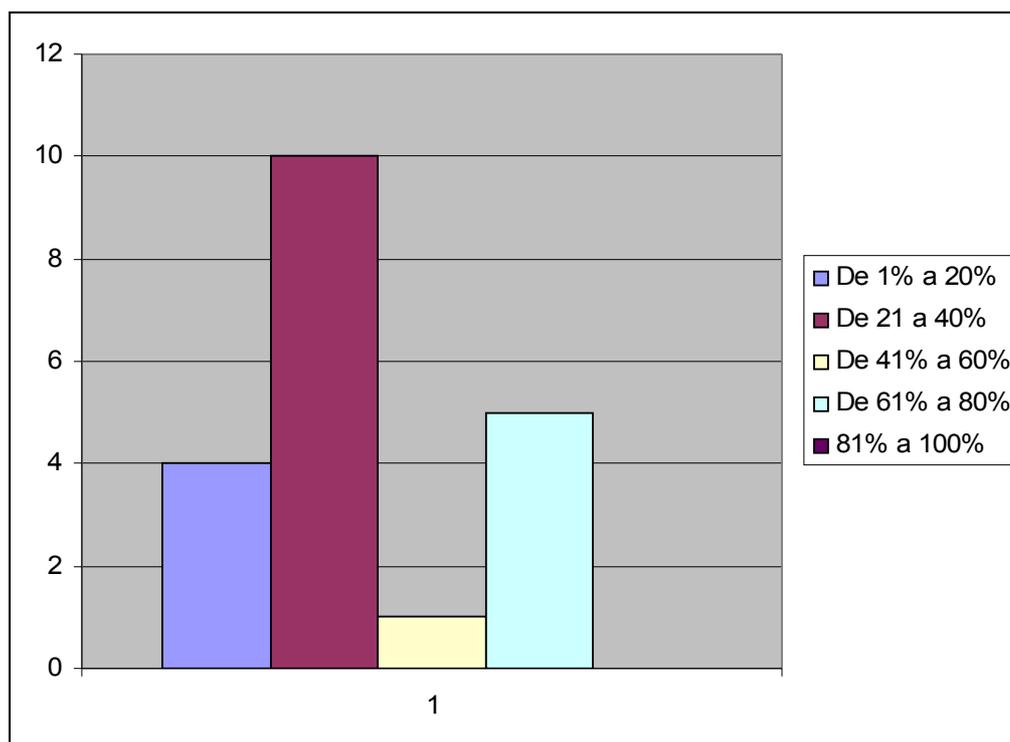
Assim, este trabalho teve como objetivo a identificação dessa classe de palavras no texto, bem como a investigação acerca das estratégias do professor, ou seja, aos alunos foi evidenciada a relação do substantivo com outras classes de palavras e se o fato de o substantivo flexionar em gênero, número e grau, teremos assim, elementos didáticos que contribuirão na aprendizagem a fim de que o aluno possa identificar os substantivos no texto com maior eficácia. Para tal diagnóstico, foi aplicada, como instrumento de pesquisa, a identificação de substantivos em textos. No primeiro momento, verificamos o estado em que os alunos se apresentam em relação ao reconhecimento da classe do *substantivo* e, após trabalharmos o substantivo correlacionado com seus determinantes, investigamos como os alunos se comportam diante da identificação dessa classe de palavras. Portanto, a partir desses dados, podemos comprovar ou não se o caminho que está sendo utilizado pelos professores, em sala de aula, na abordagem desse conteúdo, está sendo o mais apropriado ou não para a aquisição desse conhecimento de forma eficaz.

4 Análise dos Testes

Aqui, analisaremos os dados obtidos a partir das testagens realizadas com vinte alunos de uma turma de 5ª série (6º ano) do ensino fundamental, devidamente autorizados por seus responsáveis a participarem da pesquisa proposta.

A partir dos dados a seguir, podemos observar o desempenho dos alunos na identificação da classe de palavras *substantivo* com base nos estudos que realizaram sobre essa classe gramatical.

	Reconhecimentos de substantivos	Nº de alunos
1	De 1% a 20% de acertos	4
2	De 21% a 40% de acertos	10
3	De 41% a 60% de acertos	1
4	De 61% a 80% de acertos	5
5	De 81% a 100% de acertos	0

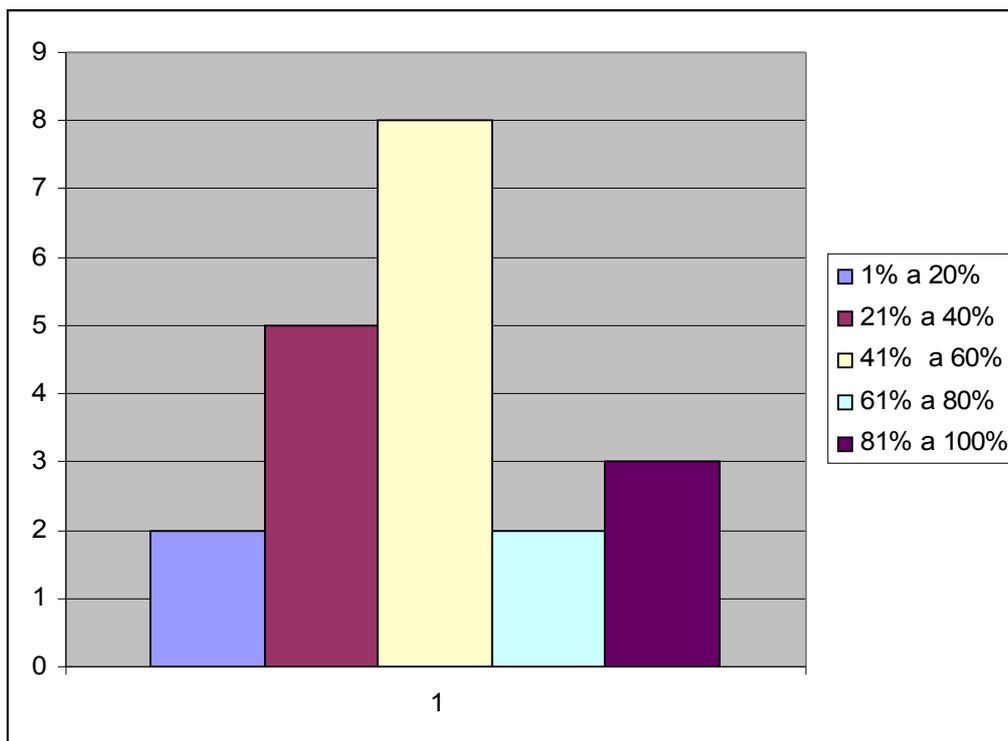


Com base no texto *As Fadas*, de Charles Perrault, podemos observar que mais de 50% dos alunos que participaram da pesquisa não reconheceram 50% dos *substantivos* presentes no texto, apenas 25% (5 alunos) conseguiram identificar de 61% a 80% dos *substantivos* que compõem o conto analisado e, infelizmente, nenhum aluno conseguiu atingir mais de 80% de acertos no que tange o reconhecimento do substantivo.

Durante a execução do exercício, surgiram algumas dúvidas como: a palavra “filha” é substantivo? O vocábulo “diamante” é substantivo? A palavra “orgulhosas” é substantivo ou adjetivo? Aqui, houve alunos que classificaram palavras como sendo substantivos; no entanto, elas pertencem, de acordo com o contexto no qual estão inseridas, a outras classes de palavras.

Após ter sido realizado o trabalho envolvendo os aspectos morfológico, semântico e sintático acerca do *substantivo*, foi realizado o segundo momento da pesquisa, que visava verificar se, ao considerar os aspectos morfológico, semântico e sintático na definição de *substantivo*, os alunos demonstrariam um melhor rendimento ou não; assim, temos o seguinte desempenho de acordo com os dados apresentados através da tabela e do gráfico abaixo:

Reconhecimentos de substantivos	Nº de alunos
De 1% a 20% de acertos	2
De 21% a 40% de acertos	5
De 41% a 60% de acertos	8
De 61% a 80% de acertos	2
De 81% a 100% de acertos	3



Com base no texto *A menina dos fósforos*, uma adaptação de Monteiro Lobato, podemos observar que houve uma considerável mudança nos resultados. Nesta etapa da pesquisa, verificamos que 40% dos pesquisados (8 alunos) obtiveram de 41% a 60% de

acertos em relação ao número de substantivos presentes no conto; 10% dos alunos atingiram uma média entre 61% e 80% de acertos e 15% (três) deles atingiram de 81% a 100% de acertos.

Portanto, foi possível verificar que, ao acrescentar à definição de *substantivo* os aspectos morfológico e sintático, houve uma considerável mudança no desempenho dos alunos participantes da pesquisa. Assim, podemos afirmar que, ao ensinar a classe de palavras *substantivo*, é importante que todos os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos estejam presentes em sua definição, pois, ao considerá-los, foi possível verificar que os alunos apresentaram um melhor rendimento no reconhecimento dessa classe de palavras.

5 Análise do Livro Didático

As autoras Souza e Cavéquia (2009), do livro didático utilizado nas aulas de Língua Portuguesa da turma que participou da pesquisa, iniciaram o capítulo sobre o *substantivo* com uma imagem de uma paisagem. Com base na imagem é solicitado aos alunos que escrevam o nome de tudo que estão vendo na fotografia, depois devem ler as palavras que terão escrito. Após as autoras fazem a seguinte observação: “Você deve ter percebido que elas dão nomes aos elementos presentes na foto.” (2009, p. 71).

Na sequência, apresentam a seguinte definição de *substantivo*: “As palavras que dão nomes a pessoas, objetos, animais, lugares, sentimentos etc. são chamadas **substantivos**.” (Souza e Cavéquia, 2009, p. 71).

Na definição de substantivo apresentada pelas autoras em questão é contemplado apenas o aspecto semântico bem à moda dos estudos mais tradicionais; nela há uma certa deficiência, pois não apontaram como podendo fazer parte da classe gramatical *substantivo* as palavras que expressam processos (chegada, por exemplo), estados (doença, como exemplificação) e qualidades (por exemplo, bondade). No entanto, poderia se pensar que esses elementos semânticos estariam presentes através da expressão “etc.”, mas para o aluno compreender o conceito é importante que seja o mais completo e claro possível.

Em seguida, elas propõem a seguinte atividade:

Conheça um texto sobre um diamante maior do que os origina-
das lágrimas da Potira. Em seguida, retire do texto seis subs-
tantivos, anotando-os no caderno.

**QUAL É O MAIOR DIAMANTE DO MUNDO? QUAN-
TO ELE VALE?**

O maior diamante bruto foi encontrado em 1905 na África do
Sul e recebeu o nome de Cullinam. Ele pesava 3.106 quilates
e foi vendido por 150 mil libras (cerca de 800 mil reais).

Cullinam foi dado ao rei da Inglaterra e transformado em
nove pedras e alguns pequenos brilhantes. A maior dessas
pedras está no cetro da família real inglesa.

Já o diamante lapidado mais caro tinha 100 quilates e foi
vendido por 16 milhões de dólares (o equivalente a 46 mi-
lhões de reais). Outro recordista foi um diamante leiloado
em 1987 que, apesar de ter apenas 0,95 quilate, custou 880
mil dólares (mais de 2,5 milhões de reais). Ele atingiu esse
valor por ter uma cor rara: era violeta-avermelhado.

(Souza e Cavéquia, 2009, p. 71)

Essa tarefa é interessante, porque tem por objetivo de trabalhar a identificação dos substantivos com base no texto; pois, ainda hoje, há professores que insistem em trabalhar a identificação das classes de palavras com base em “palavras soltas”, fora de contexto. Mas a tarefa ficaria mais rica se, após, cada aluno lesse, para a turma, os substantivos que transcreveu do texto.

Aqui, sugerimos aos professores que escrevam no quadro negro as palavras que os alunos leram. Depois, questionem os alunos: Quais palavras antecedem os substantivos? Seria possível substituí-los pelos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas*? Se ao retirar os substantivos, eles continuariam a entender o tema do texto? (Trabalhando a funcionalidade do substantivo no texto.) Também seria pertinente aos professores, a

partir da lista dos substantivos feita no quadro, realizarem com os alunos uma testagem com estas palavras; isto é, verificar se elas flexionam quanto ao gênero, número e grau.

Alguns professores poderiam nos questionar o porquê da flexão do substantivo neste momento se esse assunto é abordado pelas autoras em outro capítulo. Então, temos as seguintes respostas para eles: os alunos já viram a flexão do *substantivo* na 4ª série (5º ano) do ensino fundamental; além de perder a oportunidade de introduzir esse conteúdo e mostrar aos alunos mais um recurso que pode auxiliar no reconhecimento dessa classe de palavras, por ser uma das particularidades do *substantivo*. E, como as autoras sugerem outros conteúdos, como pontuação, características das fábulas, antes de abordarem a flexão do *substantivo*, os professores poderão estar correndo o “risco” de deixarem de fazer menção à questão morfológica, utilizando esse texto da atividade sugerida pelas autoras e não o retomando mais tarde.

Ainda nesta unidade, as autoras apresentam mais dois exercícios. Vejamos as atividades:

Realize esta atividade, seguindo as orientações:

* Feche os olhos e, durante dois minutos, tente se lembrar de tudo o que você geralmente vê ao seu redor (pessoas, animais, vegetais, objetos etc.) desde o instante em que sai de casa até o momento em que chega à escola.

*Já de olhos bem abertos, você vai detalhar, por escrito, seu caminho para chegar à escola. Faça isso durante três minutos e utilize apenas substantivos. Veja o exemplo:

Porta, escada quintal, grama, muro, portão, calçada, rua, Alice etc. (2009, p. 72).

Observamos a outra tarefa:

Em nosso dia a dia, ouvimos, lemos e falamos substantivos que podem evocar significados bonitos, engraçados, tristes, amedrontadores etc. Veja alguns exemplos: **bonito** – amor, **triste** – solidão, **engraçado** – palhaço, **amedrontador** – guerra.

Agora, escreva no caderno mais dois substantivos para cada um dos termos destacados acima. Depois, o professor anota-

rá na lousa os substantivos sugeridos pela turma, para que uns saibam o que os outros escreveram. (2009, p.72).

A primeira atividade parte do cotidiano dos alunos, sendo algo interessante por se aproximar das vivências deles. No entanto, a partir dessas atividades, poderia ter sido sugerida a construção de um texto coletivo, pois não costumamos dar informações através de palavras isoladas; no mínimo, organizamos as ideias em uma frase. Aqui, os professores poderiam aproveitar para reforçar as relações entre a classe de palavras *substantivo* com as que se aproximam dela (por exemplo: artigo, pronome pessoal do caso reto, numeral, adjetivo), pois os alunos já viram essas classes na série anterior. E, dentro do discurso, as palavras se relacionam por um motivo ou outro, não estando isoladas.

Na sequência desse capítulo do livro didático, as autoras abordam a classificação dos substantivos, ficando reservada para outra unidade a flexão dessa classe de palavras.

6 Discussão de dados

Os dados apresentados neste trabalho demonstraram que a forma como são ministradas as aulas de Língua Portuguesa acerca da classe de palavras *substantivo* repercute no desempenho dos alunos quanto à identificação dessa classe gramatical no texto. O ensino deveria contemplar todos os aspectos que fazem parte da “vida” do *substantivo*, sejam eles morfológicos, semânticos e sintáticos. Quanto às atividades de sala de aula, deveriam contemplar todos os aspectos envolvidos na formação, na significação e na estruturação do substantivo na frase e no texto, bem como possibilitar ao aluno a reflexão sobre esses elementos a fim de compreender e ser capaz de utilizar os recursos da língua com eficácia. Já os exercícios do livro didático deveriam ser aprimorados pelos professores, mas infelizmente, são usados como fonte única de forma absoluta e inflexível ao longo das aulas de Língua Portuguesa.

Considerações finais

Visamos fazer uma pesquisa que contribuísse com o estudo da classe de palavras *substantivo*, objetivando um ensino de qualidade nas aulas de Língua Portuguesa. Dos pressupostos teóricos, bem como dos dados coletados (os índices obtidos através dos exercícios realizados pelos alunos), podemos constatar que o papel do professor é um dos pontos relevantes no processo ensino-aprendizado do aluno. Assim, o professor não pode se contentar apenas com as informações apresentadas pelos livros didáticos. Ele precisa fazer relações entre os aspectos que fundamentam o substantivo, aprimorando a definição de tal classe de palavras a fim de proporcionar uma atenuação de alguns dos problemas enfrentados no processo ensino-aprendizagem, possibilitando, assim, ao educando chegar ao ensino médio sem apresentar dificuldade para reconhecer o *substantivo*.

Portanto, podemos concluir, com base nos estudos realizados, que os livros didáticos e os professores não selecionam todo o material definitório dessa classe de palavras, seja no âmbito semântico, sintático e morfológico ao longo das gramáticas. Assim, os livros didáticos e professores tomam as simples definições iniciais e, dali, supõem que os alunos vão chegar a conclusões mais detalhadas, o que, na prática, não acontece.

Este estudo nos permitiu uma reflexão sobre o trabalho a ser realizado em sala de aula acerca da classe de palavras *substantivo*, e os trabalhos futuros deverão expandir a questão investigada, sobretudo, visando a recobrir as demais classes de palavras.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 45^a ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens 6º ano**. 5^a ed. São Paulo: Atual, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

SOUZA, Cássia Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **Linguagem Criação e Interação: 6º ano**. 6^a ed. São Paulo: Saraiva, 2009.